

MARIA MADALENA MOREIRA VAZ

*Diversidade dos falares no concelho de Ribeira Grande de Santiago:  
Análise comparativa dos falares de Pico Leão e Cidade Velha*



LICENCIATURA EM ESTUDOS CABO-VERDIANOS E PORTUGUESES

UNI-CV, SETEMBRO DE 2010

MARIA MADALENA MOREIRA VAZ

*Diversidade dos falares no concelho de Ribeira Grande de Santiago:  
Análise comparativa dos falares de Pico Leão e Cidade Velha*

Trabalho científico apresentado na UNI-CV para obtenção do grau de Licenciado em Línguas, Literaturas e Culturas, na vertente de Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses, sob orientação do Mestre Emanuel de Pina.

**Aprovado pelos membros do Júri**

Foi homologado pelo reitor da Universidade de Cabo Verde como requisito favorável ao Grau de Licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses.

O Presidente do júri

---

O Arguente

---

A Orientadora

---

Universidade de Cabo Verde, Cidade da Praia, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

# DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho à minha querida filha Bruna e à memória da minha tia Arminda/mãe adotiva que me deu amor carinho e educação, que fez de mim aquilo que sou hoje.*

# A GRADECIMENTOS

Expressos aqui os meus agradecimentos ao meu orientador, Mestre Emanuel de Pina, pela sua dedicação, disponibilidade na orientação e principalmente pela sua competência.

Aos informantes das comunidades de Pico Leão e Cidade Velha, à professora Leonilda, ao professor Etelvino Garcia, o meu primo Avelino, ao meu tio José Manuel, às minhas tias Idalina, Albertina e Elísia e aos meus irmãos: pessoas que me apoiaram bastante na minha formação.

Aos meus colegas de turma, em especial à minha querida prima Ideneida pela sua paciência, atenção e por ter discutido comigo, para o meu proveito, partes deste trabalho.

A todos que directa ou indirectamente contribuíram para a realização deste trabalho.

*A língua é um instrumento de comunicação social maleável e diversificado em todos os seus aspectos, é meio de expressão de indivíduos que vivem em sociedades também diversificadas social, cultural e geograficamente.*

*(Cunha e Cintra 1984:3)*

## Índice

Listas de símbolos e abreviaturas.....	9
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1. Justificação da escolha do tema.....	10
2. Perguntas de pesquisa.....	11
3. Objectivos.....	12
4. Opções metodológicas.....	12
5. Quadro teórico .....	13
6. Estrutura do trabalho .....	19

### Capítulo I

#### **Breve caracterização das comunidades e dos falares de Pico Leão e Cidade Velha**

.....	21
1.1- Caracterização das localidades em estudo .....	21
1.2- Factores que fazem com que os falares de Cidade Velha e de Pico Leão se divergem.....	22
1.3- Atitudes linguísticas dos falantes. ....	26
1.4-Conclusão .....	28

### Capítulo II

#### **Interpretação dos dados e análise comparativa dos falares de Pico Leão e Cidade Velha .....**

.....	30
2.0-Introdução breve.....	30
2.1- Trabalho de campo.....	31
2.2- Diferenças e semelhanças nos falares de Pico Leão e Cidade Velha.....	33
2.3-Pronúncia das palavras. ....	35
2.4-Diferença entre significado e significante.....	37
2.5- Processos fonético-fonológicos que ocorrem nos falar das comunidades em estudos. ....	39
2.6-Processos fonológicos que ocorrem no falar de Cidade Velha.....	41
2.7- Realização dos fonemas consonânticos / l/, /r/ e /s/ em cada uma das localidades. ....	42

2.8- Quadro comparativo dos processos fonéticos que fazem divergir e/ou aproximar os falares das duas comunidades linguísticas .....	44
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

**Capítulo III- Considerações finais:**

Considerações finais: diversidade linguística nos falares de Pico Leão e Cidade Velha” .....	46
Bibliografia.....	49
Web – grafia.....	51
Anexo	



## **Listas de símbolos e abreviaturas**

ID7AM- Informante D, 7 anos, masculino

IC- Informante C

[ ]- Representação fonética da palavra

/ /- Representação fonológica da palavra

(...) - Pausas

## INTRODUÇÃO

A presente monografia intitula-se “*Diversidade dos falares no concelho de Ribeira Grande de Santiago: análise comparativa dos falares de Pico Leão e Cidade Velha*”. Enquadra-se no âmbito do trabalho científico exigido pela UNI-CV para a obtenção do grau de licenciado em Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses.

### 1. Justificação da escolha do tema

Uma das razões que nos incentivou para a escolha deste tema é a sua pertinência e também a aprendizagem que esta investigação nos irá proporcionar, visto que a sua execução constitui oportunidade para um estudo mais aprofundado sobre o tema em apreço.

Toda língua possui variações e cada pessoa ou grupo de indivíduos traz em si uma série de características que se traduzem no seu modo de pensar e falar de acordo com a região onde nasceu, o meio social em que vive, a profissão que exerce, a faixa etária que possui, o seu nível de escolaridade, etc. É nessa linha de pensamento que propusemos trabalhar o presente tema.

Assim, uma outra razão que está na base da escolha deste tema tem que ver com a questão das ideologias e dos preconceitos linguísticos que por vezes se nota na atitude dos falantes em super valorizarem uma determinada variedade linguística regional em detrimento da outra.

A partir da convivência com pessoas das comunidades linguísticas de Pico Leão e Cidade Velha, constatámos que alguns falantes de uma determinada localidade acreditam que o seu modo de falar é melhor que o dos outros que pertencem a outras localidades, porque estes têm uma forma diferente de falar.

Este preconceito parece ser maior, quando um falante do meio rural se desloca para o meio urbano e entra em contacto com as pessoas pertencentes a esse meio. Neste

contexto, nem sempre, o encontro dos falantes e dos diversos modos do discurso dos interlocutores deixam boas recordações para aqueles que vivem no meio rural, pois, na maioria das vezes, a fala do falante dessa comunidade linguística é marginalizada e vista como algo de “*chacota*” pelos falantes da cidade.

Estas são as razões que justificam a escolha deste tema. E, por outro lado, não tendo conhecimento de nenhum trabalho feito sobre este assunto, o seu estudo afigura-se-nos relevante, na medida em que contribuirá para um melhor conhecimento da matéria em questão.

Trata-se de um trabalho essencialmente descritivo, muito embora possa haver casos relevantes em que, para uma maior clareza de discussão dos dados, se efectuem algumas análises teóricas à luz de pressupostos/conceitos referidos no Quadro Teórico (Vide o ponto 5.).

## **2. Perguntas de pesquisa**

Geralmente, a produção de um trabalho científico exige, numa fase inicial, o levantamento de algumas questões em torno da temática em estudo. E a partir dessas questões centradas nos objectivos preconizados, tentar resolvê-las, propondo soluções durante a investigação. Deste modo, pusemos o enfoque em três questões que consideramos pertinentes e relevantes para este estudo:

**Questão 1** – Que diferenças e semelhanças se podem encontrar nos falares de Pico Leão e Cidade Velha?

**Questão 2** – Haverá alguns factores que fazem com que os falares das duas comunidades sejam diferentes?

**Questão 3** – Qual é a atitude dos falantes dessas comunidades perante o fenómeno de diversidade linguística?

Ao longo deste trabalho, iremos, na medida do possível, propor soluções às questões previamente levantadas para que possamos caracterizar os falares das duas referidas comunidades linguísticas.

Pretendemos com esta investigação, tentar explicar e mostrar que do ponto de vista linguístico ou sociolinguístico não existem discursos ou falares que sejam melhores ou piores que outros, mas que apenas existem falares ou discursos diferentes que servem para o desenvolvimento e o enriquecimento da própria língua.

### **3. Objectivos**

a) **Geral:** Efectuar um estudo comparativo sobre os falares de Pico Leão e de Cidade Velha do concelho da Ribeira Grande de Santiago

b) **Específicos:**

- Identificar os processos fonético-fonológicos que ocorrem nos falares de Pico Leão e de Cidade Velha;
- Mostrar como é que os fonemas consonânticos /l/, /r/ e /s/ são realizados nos falares de cada uma destas comunidades linguísticas;
- Verificar, num quadro comparativo, os aspectos fonético-fonológicos que fazem aproximar ou divergir os falares de Pico Leão e de Cidade Velha.

### **4. Opções metodológicas**

Para a realização deste trabalho, fizemos entrevistas não estruturadas aos falantes das comunidades linguísticas em estudo. Esta foi feita através de uma observação assistemática, com o objectivo de recolher dados linguísticos na sua forma

mais natural e espontânea possível. Chegámos nas comunidades e gravámos a fala das pessoas à medida que iam dialogando connosco.

A fala dos falantes foi transcrita segundo as regras do ALUPEC seguida da transcrição fonética de alguns vocábulos e/ou frases. Recorremos ainda às pesquisas bibliográficas para a fundamentação teórica dos diversos fenómenos linguísticos em estudo.

## 5. Quadro teórico

O trabalho consiste num estudo sociolinguístico dos falares do concelho de Ribeira Grande de Santiago, especificamente das localidades de *Cidade Velha e Pico Leão*, através da observação e registo da pronúncia dos falantes no contexto social, ou seja, nas situações reais de uso.

Em se tratando de um trabalho de investigação, importa frisar que, por vezes, se torna um grande desafio levantar hipóteses teóricas que simultaneamente sejam adequadas não só aos fenómenos em estudo, mas também que permitam prever outros fenómenos que com estes se relacionam. Tentaremos, tanto quanto possível, abordar alguns conceitos e algumas definições no campo da linguística e da sociolinguística de acordo com o tema que propusemos trabalhar.

Deste modo, o pano de fundo teórico em que se inscreve este trabalho monográfico vai basear-se nos pressupostos dos teóricos no campo da linguística e da sociolinguística e que versam essencialmente sobre os fenómenos da *Língua, Linguagem, Fala, Discurso, Estilo*, bem como as questões da *Diversidade e Variação linguísticas*.

São vários os teóricos que se debruçaram sobre estes fenómenos linguísticos em análise: Saussure (1916) afirma que a *linguagem* é a faculdade natural que permite ao homem constituir uma língua. Por isso, a *língua* pode ser definida como um sistema subjacente à actividade da fala, ou seja, o sistema invariante que pode ser abstraído das múltiplas variações observáveis da fala.

Saussure (op. cit.) sustenta ainda que a *língua* pode ser definida como um facto social, visto que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social e funciona como um elemento de interacção entre os falantes e a sociedade (cf. Saussure 1916: 120 e segs.).

Os indivíduos que fazem parte de uma comunidade servem-se de sinais ou signos para comunicar. Saussure denominou-os de signos linguísticos, palavras que são constituídas por um conjunto de sons (significante) e o sentido que lhe está associado (significado). O significado, segundo Saussure (op. cit.), refere-se ao conceito do objecto, enquanto o significante se refere aos sinais gráficos ou sonoros que representam esse objecto. Nesta linha de ideias, pode afirmar-se que o signo linguístico une um conceito e uma imagem acústica e estas duas entidades são interdependentes e inseparáveis, pois sem significante não há significado e vice-versa.

O signo linguístico tem um carácter arbitrário. Ele varia de comunidade para comunidade, pois não existe nenhuma relação entre o conceito (significado) e a imagem acústica (significante). Cada língua tem os seus signos que são o resultado de uma convenção, de um acordo. Assim, por exemplo, enquanto um português diz «homem», um francês diz «homme», um inglês diria «man» e um italiano «hombre». Portanto, estamos perante significantes diferentes para o mesmo significado. (cf. Saussure *Ibidem*).

Na perspectiva deste teórico, a língua é o código da comunidade e a fala a utilização desse código por cada indivíduo. A primeira é inteiramente social e a outra é totalmente individual.

A fala é um modo de acção e um instrumento de reflexão usado para estabelecer relações sociais, aquilo que Malinowski (1923 *apud* Ribeiro 1996) chamou de comunhão fáctica, i. e., o tipo de conversa em que uma pessoa se envolve apenas para mostrar que reconhece a presença da outra.

Para Bloomfield (1928 *apud* Chomsky 1994), uma língua é a totalidade dos enunciados que podem ser produzidos numa comunidade linguística.

Benveniste (1963 *apud* Mussalim data) diz que é dentro e pela língua que o indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. Afirma ainda que a língua é a manifestação concreta da faculdade humana da linguagem e que é pela sua utilização que o homem constrói a sua relação com a natureza e outros companheiros. E acrescenta que a língua é o instrumento de comunicação que é e deve ser comum a todos os membros da sociedade, possibilitando assim a produção indefinida de mensagens em variedades ilimitadas.

Saussure estudava a *língua* como um código fechado em si mesmo e estruturado por signos. Mas, para Benveniste, a língua advém do signo e compõe dois níveis distintos: o semiótico e o semântico. No primeiro, que vai ao encontro da ideia do Saussure, está o signo e no segundo, há a expressão do sentido resultante da relação do signo com o contexto ou o modo de significar do enunciado (o discurso). Para este autor, essa forma de significar é a língua como trabalho social, ou seja, Benveniste enquadra a língua no seio da sociedade e da cultura porque, para ele, toda a entidade social é da natureza do homem e da língua. E a *linguagem* será o lugar onde o indivíduo se constitui como falante e como sujeito e é a entidade que ensina a própria definição do homem (cf. Benveniste 1968: 98 - 101).

Chomsky (1965) concebe a *linguagem* como a faculdade inata e específica do ser humano. Todos os seres humanos nascem dotados dela. Quando a criança nasce, a sua faculdade de linguagem é considerada uniforme em relação a toda a espécie humana, ou seja, aquilo que chama de universais linguísticos.

De acordo com Chomsky (op. cit.), à medida que cada criança vai sendo exposta a um ambiente linguístico particular, esse estado inicial da faculdade da linguagem vai se modificando e estruturando perante a sua língua materna. Por exemplo, se a criança é ouvinte, nasce e cresce em um ambiente em que se fala português, a interação da informação genética que ela traz (no estado inicial da faculdade da linguagem) com os dados linguísticos do português a que ela é exposta, vai resultar na aquisição da língua portuguesa e não de uma outra língua.

Nessa linha de ideias, a *língua* é definida como um objecto puramente mental dotada duma componente genética da espécie humana, que se desenvolve ao longo do

processo de aquisição pelo contacto que a criança tem com os dados de uma língua particular.

Chomsky (op. cit.) afirma que a *linguagem*<sup>1</sup> é determinada pela estrutura da mente e que a universalidade de certas propriedades características da linguagem prova que ao menos esta parte da natureza humana é comum a todos os membros da espécie, não obstante, a sua raça ou classe e as indubitáveis diferenças na inteligência, personalidade ou atributos físicos.

Cunha e Cintra (1984: 1) definem a *linguagem* como “um conjunto complexo de processos resultados de uma certa actividade psíquica profundamente determinada pela vida social que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma língua”.

Conceituam a *língua* como um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. E definem *o discurso* como sendo a língua no acto, na execução individual. Acrescentam que cada indivíduo tem em si um ideal linguístico, e procura extrair sistema idiomático de que se serve às formas de enunciado que melhor lhe primam o gosto e o pensamento. As escolhas entre os diversos meios de expressão que oferece aos indivíduos o rico repertório de possibilidades para comunicar chamam-se-lhe *estilo*.

No que concerne ao conceito de *fala*, segundo Ribeiro (1996), Saussure foi muito radical, quando afirmou que a fala era totalmente individual e a língua inteiramente social, pois, para Ribeiro, a fala desempenha um papel muito importante na vida social, porque é através dela que os indivíduos se comunicam e se entendem. Pode-se considerar que a fala é igualmente social (cf. Ribeiro 1996: 461).

A *fala*<sup>2</sup> é um dos modos mais importantes através dos quais uma pessoa apresenta uma imagem pessoal aos outros de modo a ser avaliada, através do que se diz, e da maneira como se diz (Brown e Levinson, 1978 *apud* Ribeiro 1996).

No que diz respeito à questão da diversidade e variação linguísticas, vejamos os seguintes pressupostos teóricos:

---

<sup>1</sup> O *itálico* é nosso.

<sup>2</sup> O *itálico* aqui também é nosso.



Labov (1963), através do estudo que fez na comunidade de Marha's, sublinha o papel decisivo dos factores sociais na explicação da variação linguística, apontando factores como: idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico.

Em (1964), fixa um modelo de descrição e interpretação do fenómeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas conhecido como *Sociolinguística variacionista* ou *Teoria de Variação*.

De acordo com essa teoria, dois falantes de uma mesma língua dificilmente se expressam da mesma maneira em duas diferentes circunstâncias de comunicação, porque o falante actua em função do contexto da fala, da relação que tem com o interlocutor, o assunto da conversa, o espaço, etc. Mas também o falante, individualmente considerado, não se exprime sempre do mesmo modo, em casa, na rua, no trabalho ou nas reuniões sociais, porque a língua como fenómeno social é suporte da comunicação linguística que permite ao indivíduo transmitir informações, explanar ideias, exteriorizar sentimentos e integrar-se no meio ambiente. Logo de acordo com o contexto em que se insere, este sente-se a necessidade de adaptar o seu discurso às circunstâncias de enunciação.

Para Brigh (1974 *apud* Mussalin s/d), a sociolinguística deve demonstrar a co-variação sistemática das variações linguísticas e sociais, ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis numa comunidade linguística às diferenciações existentes na estrutura social da mesma comunidade.

Para este autor, o objecto de estudo da sociolinguística é a diversidade linguística, ou seja, o emprego de diferentes modos de falar numa comunidade e/ou em comunidades diferentes. Aponta um conjunto de factores socialmente definido e pelo qual a diversidade linguística está relacionada:

- a) Identidade social do emissor ou falante – está relacionado com os estudos dos dialectos de classes sociais. Por exemplo, as diferenças entre falas femininas e masculinas.

- b) Identidade social do receptor ou ouvinte – tem que ver com as formas de tratamento. Exemplo: a fala utilizada por adultos para se dirigirem às crianças.
- c) O contexto social – está relacionado com as diferenças entre a forma e a função dos estilos, formal e informal existente na grande maioria das línguas.
- d) O julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros (as atitudes linguísticas).

Convém salientar que toda língua está sujeita a diferentes tipos de variações e que, em cada comunidade, existem diversos sistemas que estão inter-relacionados e são determinados por vários factores que lhes exprimem diferenças mais ou menos profundas. Por isso, a utilização da linguagem verbal entre os indivíduos é efectuada na produção de enunciados através da fala, o que é estudado pelas disciplinas da *Fonética* e *Fonologia*.

A Fonética é a disciplina científica que ocupa dos sons da fala humana e do modo como estes são produzidos pelos locutores e percebidos pelos ouvintes. Ela estuda os sons sem ter em conta a sua pertença a uma língua, anotando todas as diferenças fónicas perceptíveis.

A Fonologia, por seu turno, estuda os sons da língua no que têm de distintivo, destacando os traços fónicos que têm uma função distintiva. O estudo da fonologia permite a determinação dos diversos componentes fonológicos de uma língua, a confrontação entre palavras que ao diferirem apenas num som diferem também no significado (cf. Faria 1996:115).

Este panorama de dados leva-nos a aduzir que Língua e Sociedade são inseparáveis e que a Variação é um processo inerente ao fenómeno linguístico, pois ao estudar qualquer comunidade linguística a constatação mais imediata é a da existência de diversidade ou variação linguísticas.

. Toda a língua é adequada à comunidade que a utiliza e é através dela que os falantes exprimem o mundo físico e simbólico em que vivem. Ela funciona como um elemento de interacção entre o indivíduo e a sociedade em que ele actua.

Neste trabalho monográfico, vamos incidir essencialmente, entre outros aspectos, sobre o estudo da variação linguística dos falares de Pico Leão e de Cidade Velha da Ribeira Grande de Santiago como um fenómeno social inerente aos falantes que integram essas comunidades linguísticas.

Note-se que os teóricos estudados no Quadro Teórico vão ser referidos no desenvolvimento do trabalho, mas também outros serão mencionados e co-relacionados com estes, sempre que for oportuno.

## **6. Estrutura do trabalho**

O trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: uma Introdução que contém o tema de investigação, a justificação da sua escolha, as perguntas de partida, os objectivos, as opções metodológicas e o quadro teórico; mais três capítulos, a bibliografia e o anexo.

O primeiro capítulo abarca: uma nota prévia; uma breve caracterização de Pico Leão e Cidade Velha e os factores que fazem com que os dois falares se divergem, em que damos a conhecer o contexto da nossa pesquisa e apresentar os motivos que estão na base da diversidade linguística das duas localidades do mesmo município. Ainda nessa secção, apresentar-se-ão as atitudes dos falantes em relação à diversidade dos falares.

No segundo capítulo, debruçámo-nos sobre a análise dos dados recolhidos nas entrevistas realizadas e identificámos os processos fonético-fonológicos que ocorrem nos falares das comunidades em estudos, apresentando a forma como os fonemas consonânticos /l/, /r/ e /s/ são realizados em cada uma destas comunidades e finalmente apresentámos um quadro comparativo dos aspectos fonético-fonológicos que fazem aproximar ou divergir os falares de Pico Leão e de Cidade Velha.

Finalmente, no terceiro capítulo, apresentar-se-ão as considerações finais, concernentes a análise comparativa dos falares das duas comunidades linguísticas em estudo.

## Capítulo I

### **Breve caracterização das comunidades e dos falares de Pico Leão e Cidade Velha**

#### **1.0 -Nota prévia**

Neste capítulo, far-se-á essencialmente uma breve caracterização das duas localidades em estudo (cf. **1.1.**); tentaremos também, tanto quanto possível, descrever os factores que estão na base da diversidade linguística das referidas comunidades (cf. **1.2.**), apresentando a opinião e /ou atitudes dos sujeitos falantes em relação a essa variedade de falares (cf. **1.3.**). O ponto **1.4.** será dedicado à conclusão.

#### **1.1- Caracterização das localidades em estudo**

Cidade Velha e Pico Leão pertencem ao concelho de Ribeira Grande de Santiago criado pela lei nº 63/VI/2005, de 9 de Maio, quando duas freguesias que pertenciam ao Concelho da Praia foram separadas para formar o Concelho de Ribeira Grande de Santiago. O Município tem hoje cerca de 11.000 habitantes, integrando duas freguesias: a do Santíssimo Nome de Jesus e a de São João Baptista. Tem fronteiras com os municípios da Praia, São Domingos, São Lourenço dos Órgãos e Santa Catarina, ocupando uma superfície de 164km<sup>2</sup>. (cf. Revista da Câmara de Ribeira Grande de Santiago, nº1/ 2009).

A Cidade da Ribeira Grande de Santiago de Cabo Verde localiza-se cerca de 15 km a Oeste da capital do país. É hoje um ponto turístico por excelência. Os seus monumentos históricos fazem dela um lugar aprazível principalmente para aqueles que se interessam pela história de um povo surgido de cruzamento de várias raças.

Ela é uma das mais antigas cidades fundadas pelos europeus na África Subsaariana. Pelo seu porto, passaram caravelas transportando escravos da África para outras partes do Mundo, designadamente para Europa e para o Continente Americano. Os escravos passavam nesta paragem por um processo de ladinização e

subsequentemente eram transportados para os destinos já referidos. Estes, entre outros dados históricos, revestem a Cidade de Ribeira Grande de Santiago de grande importância histórica para a humanidade.

No dia 8 de Dezembro de 2008, a Cidade foi declarada Património Nacional de Cabo Verde e em 26 de Junho de 2009, a UNESCO incluiu-a na lista do património mundial da humanidade ([http://www.wikipedia.org/wiki/Ribeira Grande de Santiago. Concelho de Cabo Verde](http://www.wikipedia.org/wiki/Ribeira_Grande_de_Santiago_Concelho_de_Cabo_Verde)).

Dada a sua situação geográfica e histórica, os seus habitantes estão em permanente contacto não só com a população da Praia, mas também com diversos estrangeiros que por ali passam.

Pico Leão, por sua vez, é a última região situada a Norte do Concelho de Ribeira Grande de Santiago. Tem o total de 660 habitantes (segundo a estatística de 2000) que vivem essencialmente da agricultura e criação de gado. Geograficamente fica um pouco circunscrito e dada a esta situação, o contacto da sua população quer com a capital, quer com os outros municípios fica muito reduzido.

## **1.2- Factores que fazem com que os falares de Cidade Velha e de Pico Leão se divergem**

Qualquer língua adquire aspectos próprios conforme se vai espalhando a partir da sua região de origem. As diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico e observáveis entre falantes de origens geográficas diferentes são denominadas de *variação geográfica ou diatópica* (cf. Cunha, 1978:3). Por exemplo, os brasileiros e os portugueses falam a língua portuguesa, mas a maneira de falar dos dois grupos se distinguem em vários aspectos gramaticais.

Segundo Mateus (1982), o português falado, por exemplo, nos dois países apresenta diferenças fonológicas, lexicais e sintácticas muito evidentes: o processo de redução do vocalismo átono actua mais radicalmente no Português Europeu (PE) do que

no Português Brasileiro (PB), exemplo: palavra, belíssimo e popular (PE): [pɐˈlavɾɐ], [bɨˈlissimu], [pupuˈlar], PB: [paˈlavɾɐ], [beˈlissimu], [pɔpuˈlar].

Quanto ao léxico comum, comparem-se por exemplo, entre outros, os verbos de utilização corrente: *apanhar* Vs *pegar*, em expressões do PE como: “*apanhar um autocarro/ um livro/ um esfriado.*”; em PB, correspondem a “*pegar um autocarro/ um livro/ um esfriado.*”

No que diz respeito à sintaxe, atente-se, por exemplo, na colocação dos pronomes oblíquos átonos em frases como: “*diga-me*” (PE), e “*me diga*” (PB); razões que fazem com que o PE seja uma língua essencialmente enclítica e PB essencialmente proclítica.

O mesmo acontece com a Língua Cabo-Verdiana, em que a variação acontece dentro de uma mesma variante (relembrando que existem nove) sendo que duas representam as normas-padrão conforme os dois grupos de ilhas que compõem o arquipélago de Cabo Verde: Variante de S. Vicente para o grupo de Barlavento e Variante de Santiago para o de Sotavento (cf., a esse propósito, Veiga 2002). A nível regional, nota-se que um falante das regiões mais afastadas ou que se situam no interior dispõe de uma linguagem com carácter conservador e por isso diferente de um falante que vive no meio urbano.

A diversidade linguística está profundamente ligada às características dos grupos sociais. Os indivíduos que compõem uma sociedade não são iguais, encontram-se pessoas com nível cultural, idade sexo, grupo socioprofissional diferente e isso faz com que haja desigualdades linguísticas. Essa diversidade observável na fala dos diferentes grupos sociais denomina-se de *variação sociocultural ou diastrática*. (cf. Faria 1996:461). Numa comunidade, cada grupo tem a sua forma própria de se expressar, um professor, médico, mecânico, pescador etc., utilizam vocábulos relacionados com a área a que pertencem.

Faria (op. cit.), reforça a ideia da diversidade linguística dos indivíduos na sociedade. Exemplifica e justifica quando faz a seguinte afirmação: “o soldado e o general, a criança superdotada e a criança deficiente, o gordo e o magro não são iguais.

Há, por isso, diferenças que se instituem como desigualdades, quer diferenças naturais, quer de posição social a que o indivíduo pertence, definida quer em termos de posse de bens materiais e/ou culturais quer em termos psicológicos (...) o sujeito social é como um actor que deve representar papéis muito diversos: casado, professor, militante, político, pai, etc. O seu papel social corresponde ao que se espera dele e o seu repertório verbal é o reflexo desses diferentes papéis.”

Muitas vezes, a pessoa que fala procura adequar o seu discurso às características do seu receptor, aos temas abordados no momento em que se fala. A mudança resultante da situação em que os falantes se encontram é designada de *variação situacional ou difásica*. Por exemplo, um professor quando está num bar com os amigos não emprega expressões que utiliza para dirigir aos seus alunos na sala de aula. (cf. Faria 1996: 480,481).

O tempo também é um dos factores da diversidade linguística. A língua falada nos primórdios não é exactamente igual da de hoje: muitas palavras pronunciavam-se de modo diferente, algumas desapareceram ou alteram o significado. A diversidade provocada pelo referido factor dá-se o nome de *variação histórica ou diacrónica*. (Faria op. cit.)

Seguindo o panorama dos dados expostos até aqui, podemos dizer que são vários os factores da diversidade linguística (sociais, geográficos, situacionais, etc.). No caso das comunidades linguísticas em estudo, parece correcto afirmar que um dos factores determinantes da divergência nos seus falares é o factor geográfico. A Localidade de Pico Leão fica muito distante da de Cidade Velha. Para além de ser uma zona rural, fica um pouco isolada, o que faz com que o falar dos seus habitantes seja muito mais conservador e peculiar, visto que não recebe influências dos falares de outras regiões.

Desta forma, podemos dizer que para além do factor geográfico, o contacto de línguas parece ser também um dos factores que mais contribuem para desencadear variação linguística a qual, ao ser progressiva e sistematicamente incorporada no uso de diferentes falantes levará eventualmente a uma situação de mudança de alguns parâmetros da língua.



Segundo Mateus (2003), o português, por exemplo, tal como se tem desenvolvido, nomeadamente no Brasil e em África, revela variação que, em grande parte resulta de uma evolução da língua fora do seu continente de origem, em contacto com outras línguas nativas e não - nativas utilizadas pelas comunidades residentes nos diferentes territórios (cf. Mateus. in Mateus et al. 2003:35).

Tendo em consideração estas afirmações de Mateus (op. cit.), justifica-se, por exemplo, o que acontece na localidade de Cidade Velha, que por ser uma zona turística recebe pessoas de diferentes nacionalidades e por essa razão o seu falar fica sujeito a influências de inúmeros outros, o que o torna bastante diferenciado do de Pico Leão que é uma comunidade isolada.

Um outro elemento que está relacionado com o fenómeno de diversidade linguística é o nível de escolaridade dos falantes. Assim, constata-se que, na comunidade linguística de Pico Leão, as pessoas são pouco escolarizadas. Nessa região, há apenas uma única escola de Ensino Básico Integrado, tendo os alunos de se deslocarem a outros sítios para ingressarem-se no Ensino Secundário. Porém, nem todos têm essa possibilidade devido às dificuldades financeiras, pois as famílias sustentam-se basicamente da agricultura e criação de gado. E com as secas prolongadas, vivem na extrema pobreza. Também, a escassez de meios de transporte para se deslocarem às outras localidades dificulta que os adolescentes prossequem os seus estudos.

Na Cidade Velha, acontece o contrário. O nível de pobreza é menos visível. As pessoas vivem tanto da pesca quanto da agricultura, bem como de alguma divisa proveniente de actividades turísticas. O fluxo para as zonas com escolas é maior. Recentemente, foi construída uma Escola Secundária em Salineiro, uma zona muito próxima da Cidade Velha.

Esta cidade possui actualmente uma Câmara Municipal, o que lhe proporciona mais prestígio no seu desenvolvimento. Também por ser uma zona turística, recebe pessoas de diferentes nacionalidades e, desta forma, a sua comunidade linguística está em permanente contacto com diversos falantes, o que deixa muita influência no seu falar.

Pode concluir-se por conseguinte que as características das comunidades reflectem no seu modo de falar. Cidade Velha por ser uma zona turística, a sua população está em constante contacto com as pessoas de várias origens, o que faz com que o seu falar seja mais sujeito a variação. Em contrapartida, Pico Leão fica muito isolado e a maior parte dos seus falantes possui um baixo nível de escolaridade. por isso, a sua linguagem é mais genuína e conservadora.

### **1.3-Atitudes linguísticas dos falantes**

A atitude linguística tem que ver com a posição das pessoas em relação à língua, os falantes de qualquer língua privilegiam ou marginalizam certas variantes regionais a partir da maneira pela qual as sequências sonoras são pronunciadas. (Silva, 2009:12).

O prestígio social que uma língua e/ou um falar têm depende essencialmente da posição de seus falantes na hierarquia social, se a língua é usada pelas classes dominantes que detêm o poder, ela vai ser considerada “superior” e vice-versa. Às vezes, o preconceito é exercido por aqueles que tiveram acesso à educação de qualidade, à “norma padrão de prestígio”, ocupam as classes sociais dominantes e acreditam que o falar daqueles sem instrução formal e com pouca escolarização é “feio” encaram o diferente como o sinónimo de “erro”. (Dias 2002:61)

Também o maior ou menor afastamento do padrão pode colocar a questão de agramaticalidade ou de maior ou menor adequação às situações de uso, embora do ponto estritamente linguístico, não se pode considerar um falar mais ou menos correcto do que o outro, uma vez que cada falar funciona para a respectiva comunidade linguística, que sistematicamente a usa, como factor de reconhecimento, de identidade linguística, cultural e de solidariedade social. (Mateus et al. op. cit.34).

No caso das duas comunidades em estudo, constatou-se que há uma valorização de um “modo de falar” em relação ao outro. A maioria dos falantes da Cidade Velha diz que as pessoas de Pico Leão não falam de forma correcta e um número reduzido disse que respeita a forma como os picoleonenses falam porque cada comunidade tem a sua forma própria de falar.

Vejam-se algumas opiniões de pessoas de Cidade Velha em relação ao falar de Pico Leão: “Oras ki algen di Piki Lion ta papia nu ta fla mes ka se papia, mes ta papia mariadu propi.”

[ʔɔɾɛs ki ɐlgẽ di Piki Liõ tɛ ʔpɛpiɛ nu tɛ flɛ mes kɛ se ʔpɛpiɛ mes tɛ ʔpɛpiɛ mariʔadu ʔpropɪ.] – “Sempre que as pessoas de Pico Leão falam dizemos que eles não sabem falar e que falam mesmo mal.”

“É klaru ki un algen di Cidade ta papia mas sabi ki algen di Piki Lion”

[ʔ klaru ki ù ałgẽ di Cidade tɛ pɛpiɛ mas sabi ki ɐlgẽ di Piki Liõ] – “É claro que as pessoas de Cidade falam melhor do que as de Pico Leão”.

“M i N ta atxa ma ningen ka debi fasi trosa de ses manera di papia, pamodi cada zona tem si forma di papia.ningen ka ta papia ka sabi mas sim diferenti. Mi N ta ditesta kel atitudi de despresa falar de otu algen.”

[Mi N tɛ ʔatxɐ mɐ nĩgẽ kɛ ʔdebi fɛʔsi ʔtrɔsɐ di ʔses mɐʔnerɐ di ʔpɛpiɛ, pɐʔmɔdi cɛdɐ ʔzɔnɐ tɛ si ʔfɔrmɐ di ʔpɛpiɛ. Nĩgẽ kɛ tɛ ʔpɛpiɛ kɛ ʔsabi ʔmas sĩ difeʔrɛti. Mi N tɛ di ʔtestɐ kɛ atitudi di dispɾɛzɐ fɛlar di otu ɐlgẽ]

“Eu acho que ninguém devia trocar dos seus modos de falar, porque cada zona tem a sua forma própria de falar. Ninguém fala melhor do que o outro, mas sim diferente, eu detesto a atitude de desprezar o falar dos outros.”

Considera-se importante ressaltar que os falantes de Pico Leão também tendem em afirmar que os falares de algumas localidades são “piores”do que o seu.

“ (...) Gentis di Santana go ta papia mas kasabi ki nos.” [gẽʔtis di sãʔtɛnɐ go tɛ pɛpiɛ ʔmas kɛ ʔsabi ki ʔnɔs] -As pessoas de Santana ainda falam pior de que nós.

“ (...) Oras ki un algen di Santana papia ta da-n so grasa(...) verdadi é ki nós nu ta papia mas sabi.”

[ʔɔɾɛs ki ù ɐlgẽ di sãʔtɛnɐ tɛ pɛpiɛ tɛ dã so ʔgrɛsɐ (...) verʔdadi e ki ʔnɔs nu tɛ pɛpiɛ ʔmas ʔsabi]

“ (...) Quando uma pessoa de Santana fala fico com vontade de rir (...) verdade é que falamos melhor.

Tendo em conta a opinião dos sujeitos falantes em relação às diferentes formas de falar, parece conveniente afirmar que os sons que um falante produz não são intrinsecamente melhores ou mais bonitos do que os de outros, cada um responde à linguagem dos outros indivíduos em termos do seu próprio enquadramento social e da familiaridade com o discurso de outros indivíduos. O que se verifica é que um forte sotaque rural em empregos na cidade não é bem aceite e reciprocamente, uma pronúncia citadina não é aceitável no campo” (cf. A esse propósito Crystal 1971: 76).

Segundo Crystal (op. cit.), “se insistimos em fazer apreciações sobre a pronúncia de outra pessoa, criticando-a em termos de “afectada”, “feia”, ou seja o que for, ou considerando-a “musical” ou “melodiosa”, estamos pura e simplesmente a tentar impor os nossos padrões de beleza aos outros e a julgá-los nos termos das nossas preferências linguísticas particulares. Esquecemo-nos geralmente de que a nossa pronúncia também pode soar muito estranha a pessoa que estamos a criticar”.

Crystal (id) acaba por referir na realidade o aspecto mais importante dos falares, não há que os julgar em termos de beleza, talvez sim em termos da sua funcionalidade na comunidade a que pertence.

#### **1.4 Conclusão**

Por tudo que ficou exposto até aqui, verificou-se que relativamente aos factores da diferenciação linguística nas comunidades de Pico Leão e Cidade Velha, o principal é o de ordem geográfica, porque as duas localidades são muito distantes uma da outra e Pico Leão fica muito isolado das outras regiões que fazem parte do concelho. O factor sociocultural ou diastrática pode também ser destacado, visto que, em Pico Leão, a maioria da população tem um nível de escolaridade muito baixo e, em Cidade Velha, os falantes estão mais expostos ao contacto com pessoas de outras localidades e de outros países, também pelo facto da sua população ser mais escolarizada que a do Pico Leão. Por isso, os seus falares são diferentes.

No que concerne à atitude dos falantes em relação aos diferentes modos de falar, constatou-se que estes acreditam que o outro fala “mal” só pelo facto de ter uma maneira diferente de se expressar. Vulgarmente persiste a crença de que há línguas superiores e inferiores, mas os estudos em sociolinguística e antropologia revelaram que não há língua nem falares superiores. Cada falar possui os meios necessários e suficientes para os seus utentes serem capazes de exprimir os seus sentimentos e as suas necessidades (cf. Vasquez 1999 apud Dias 2002) sem esquecer que a língua não deve ser julgada pelo estatuto de beleza (cf. também a esse respeito, Crystal 1971).

## Capítulo II

### **Interpretação dos dados e análise comparativa dos falares de Pico Leão e Cidade Velha**

#### **2.0- Introdução breve**

Não há falante de uma mesma língua, de região e meio social diferente que fala da mesma forma, porque a língua adquire aspectos próprios, conforme a região em que se vai espalhando. É importante observar que a variação ocorre em todos os níveis de funcionamento da linguagem, sendo mais perceptível na pronúncia e no vocabulário. (cf. Cunha e Cintra 1984: 3)

Qualquer língua natural varia ao longo do tempo e do espaço da sua utilização, diversifica no decorrer da sua própria história e ao longo da vida dos falantes que a utilizam quer como língua materna quer como língua não materna. Varia de região para região onde é utilizada, modifica em função do contacto com outras línguas, das pertenças sociais e culturais dos seus falantes e de acordo com a própria situação em que é utilizada (cf. Mateus et al. 2003:33).

Neste capítulo, pretende-se apresentar os elementos diferenciadores do falar de Pico Leão e da Cidade Velha. Debruçar-se-á essencialmente na pronúncia dos falantes, nos processos fonético-fonológicos presentes nas duas variedades linguísticas e, particularmente, na realização dos fonemas consonânticos /l/, /r/ e /s/, pois a realização destes fonemas afiguram-se nos fundamentais no estabelecimento das diferenças e semelhanças nos falares de Pico Leão e Cidade Velha.

Por fim, apresentar-se-á um quadro comparativo dos aspectos fonético-fonológicos que fazem aproximar ou divergir os dois falares em estudos.

## **2.1. Trabalho de campo**

Antes de entrar na análise dos dados recolhidos na investigação, vamos resumidamente descrever como ocorreu a pesquisa nas comunidades de Pico Leão e Cidade Velha.

Vale dizer que a escolha de um tema de pesquisa deve ser feita por amor, pois sem isso não se vai adiante na busca de respostas para as inúmeras questões que vão surgindo.

Ganhámos o gosto pela investigação sociolinguística no segundo ano do curso, no qual o professor de Fonética, Fonologia e Morfologia do Português tinha-nos sugerido que fizéssemos um trabalho de campo, cujo tema seria à nossa escolha. Assim, optámos por fazer tal investigação na comunidade de Pico Leão, região de que somos nativos. Tendo percebido a diferença na pronúncia dos falantes dessa localidade em relação aos de outras comunidades vizinhas, achámos interessante fazer um trabalho que descrevesse e mostrasse essa diferenciação de pronúncia, bem como algumas variações linguísticas que podem ser encontradas na língua cabo-verdiana.

A recolha de dados em Pico Leão não foi muito difícil, uma vez que, temos familiares que residem no local e, também porque vários falantes mostraram-se disponíveis para fornecer os dados de que necessitávamos, não obstante, alguns se manifestarem relutantes em terem as suas vozes gravadas, mas conseguimos convencê-los a darem entrevista.

O único constrangimento foi o acesso à zona, visto que esta fica muito distante da capital e das outras comunidades periféricas. Na nossa primeira viagem, fizemos o percurso Loura Pico Leão, a pé e levámos cerca de uma hora e quinze minutos para ali chegar. Outras vezes, seguimos o trajecto Praia – Pico Leão, num percurso de cerca de duas horas.

Em relação à Cidade Velha, no primeiro contacto, tivemos um pouco de receio em chegar nos falantes e, ao contrário do que acontecia em Pico Leão, não tínhamos nenhuma familiaridade com os falantes. Deste modo, no primeiro momento, procurámos fazer toda socialização e só depois a recolha de dados.

O informante é um dos elementos que mais peso tem na determinação do sucesso de uma pesquisa sociolinguística e a realização deste trabalho monográfico deveu-se muito às entrevistas feitas aos falantes das comunidades em referência. Para a escolha dos informantes, tivemos em consideração os critérios de selecção variáveis como idade, sexo, nível de instrução, situação socioeconómica, para que pudéssemos obter o máximo de peculiaridades do (s) falar (es) em estudo.

Nas duas comunidades, foram entrevistados apenas falantes nativos e de diversas faixas etárias (dos 5-80). Nota-se que em Pico Leão, a maioria dos informantes possui baixo nível de escolaridade e pouco poderio económico.

Na recolha dos dados, foram utilizados um gravador, MP3 e um bloco de notas para registar a idade, sexo e outras informações relevantes dos entrevistados. As gravações foram depois transcritas e seguidas da devida transcrição fonética.

Para concretizar os objectivos, fez-se a análise dos dados, baseando-se no suporte teórico, porque os dados por si só não revelam qualquer resultado. Segundo Pratas (2002:24), são os conhecimentos teóricos que guiam o trabalho de campo, pois determinam que perguntas fazer, que contrastes é preciso verificar e que novas pistas devem ser seguidas com maior apuro e persistência.



## 2.2. Diferenças e semelhanças nos falares de Pico Leão e Cidade Velha

Nesta subsecção, o enfoque será posto na forma como os falantes de cada uma das referidas comunidades linguísticas pronunciam determinadas palavras, Veja-se o quadro comparativo abaixo:

**Quadro1 – Diferença fonológica /l/ e /i/**

Pico Leão	Cidade velha	Tradução em português
Mandai [mã <sup>3</sup> ´dɛj]	Mandal[mã´dɛɫ]	Mandei-o
Boisa [´bɔjsɐ]	Bolsa [´bɔɫsɐ]	Bolsa
Saita[´sajtɐ]	Salta [´saɫtɐ]	Salta
Faita[´fajtɐ]	Falta [´faɫtɐ]	Falta
Mei [mej]	Mel [mɛɫ]	Mel
Jornai [´jornɛj]	Jornal [´jornɛɫ]	Jornal

A partir da análise do quadro supra, pode verificar-se que uma das diferenças identificadas nos dois falares tem que ver com o nível fonológico. Veja-se por exemplo que o fonema /l/ é pronunciado como consoante pelos falantes da Cidade Velha, enquanto no falar dos picoleonenses é vocalizado, ou seja, pronunciado como /i/ tanto no final como no meio da palavra.

A vocalização<sup>4</sup> é um fenómeno fonético que consiste na transformação de uma consoante em vogal, ou seja, é o resultado da perda do traço consonântico por parte de uma consoante que adquire as características de uma vogal. Nas expressões referidas no quadro acima, a consoante alveolar /l/ é pronunciada pelos falantes de Pico Leão como a semivogal [j], formando assim nessas palavras um ditongo.

De acordo com tal processo, articulamos um segmento com qualidade vocálica de /i/ na posição correspondente ao /l/ ortográfico no meio e no final da sílaba (cf. Silva 2009:63)

<sup>3</sup> Não encontramos a vogal [ɐ]média nasalizada por isso escolhemos a vogal aberta [ã]

<sup>4</sup> *Vocalização*. In *Infopédia [Em linha]*. Porto: Porto Editora, 2003-2010. [Consult. 2010-06-10].

**Quadro2 – Diferença na pronúncia dos pronomes pessoais da terceira pessoa**

Pico Leão	Cidade velha	Português
Nhores [ɲoris]	Nhos [´ɲos]	Vocês
Anhores [ɲ́oris]	Anhos [ɲ́os]	
Eres [eris]	Es[´es]	Eles

Conforme as expressões pronominais descritas no quadro, pode observar-se que, em Pico Leão, os pronomes pessoais da terceira pessoa do plural adquirem uma pronúncia diferente. Exemplo: *Nhores*, *Anhores*, *Eres*. Nesse caso, pode verificar-se que, no referido contexto, [s] pode realizar-se como [r], /es-eres/, /nhos- nhores/. Essa realização acontece, na maioria, das vezes na classe menos jovem. Neste contexto, para Veiga (1995), é possível que “eres” tenha vindo respectivamente de “eles” e “nhores de “senhores”.

Registam-se ainda os casos de síncope dos fonemas /s/ e /r/ na comunidade linguística de Pico Leão, ao contrário do que acontece na comunidade de Cidade Velha, conforme se apresenta no quadro abaixo:

**Quadro3 – supressão das consoantes /s/ e /r/ em Pico Leão**

Pico Leão	Cidade velha	Português
bugonha [bugoɲɐ]	Burgonha /vergonha [burgɔɲɐ/vergoɲɐ]	Vergonha
Rotu [rotu]	rostu [rɔstu]	Rosto
lakadu [ləkədu]	laskadu [ləskadu]	Guloso
kota [kotɐ]	kosta [kɔstɐ]	Costa
Kota [kotɐ]	korta[ kortɐ]	Corta
mugudjadu [ mugudjadu]	Murgudjadu [murgudjadu]	Escondido

Os vocábulos acima pronunciados pelos informantes mostram que as consoantes /s/ e /r/ na comunidade linguística de Pico Leão são suprimidas, quando aparecem no meio de algumas palavras, enquanto na Cidade Velha, essas consoantes são realizadas

em todas as posições, quer no meio como no final das palavras. Se repararmos nos exemplos apresentados no quadro3, podemos ver que o fenómeno ocorrido foi a síncope, visto que houve a elisão dos segmentos no interior da palavra. (cf. a esse propósito, Figueiredo 1987: 176)

### 2.3. Pronúncia das palavras

Sendo a fala a manifestação sensível da linguagem por excelência, ela manifesta-se sem que os ouvintes estejam conscientes dos complexos mecanismos que estão subjacentes às actividades de ouvir e falar. Deste modo, torna-se necessário o estudo da fonética, permitindo assim uma auto-análise da pronúncia de determinados sons (Mateus et al. 1990 *apud* Coelho 2009).

A pronúncia de uma mesma frase ou expressão pode apresentar diferenças de acordo com diversos falares regionais ou sociais, essas diferenças não alteram o sentido da frase nem o das palavras a partir das quais é constituída, mas podem ser representadas por diferentes transcrições fonéticas (cf. Mateus 1990).

A fala reflecte a maneira como algo foi dito e a transcrição fonética espelha a forma mais adequada de se registar o que foi pronunciado (cf. Silva 2009: 108). Veja-se para o nosso propósito, os exemplos descritos no quadro abaixo:

#### Quadro4 – diferença na pronúncia de frases ou expressões em Pico Leão e Cidade Velha

Pico Leão	Cidade Velha	Tradução em português
” Ami N kai ta bai nun kou” [ <i>ɐmi n kaj tɐ bɐi nũ kow</i> ]	“Ami N ka sa /n ka sta bai nun kau/lugar” [ <i>ɐmi n kɐ sɐ/n ˈkɐs tɐ bɐj nũ kɐw</i> ]	Não vou a nenhum lugar.
“Ei, kabé rixu ku feita ki pui sai di skola” [ <i>ej kɐbɐ rifu ku fɛjtɐ ki puj sɛi di skolɐ</i> ]	“Ael kabesa rixu ku falta ki tra-l di skola.” [ <i>ɐɛl kɐbɛsɐ rifu ku fɛltɐ ki trɛl di skolɐ</i> ]	Ele saiu da escola por causa de traquinices e faltas.

“Ami N ká ta fa mei pan bendi mas” [ <i>ɐmi n ka tɐ fɐ mej pɐ bɛ̃di mas</i> ]	“ami N kas ta fazi mel pan bendi mas” [ <i>ɐmi n kɐs ta fɛzi mɛt pã bɛ̃di mas</i> ]	Não vou fazer mel para vender.
“Nu ta bendei pa bacatela dinheru” [ <i>nu tɐ bɛ̃dej pɐ bɛkɛtɐlɐ diɲeru</i> ]	“Nu ta bendel pa um presu baxu” [ <i>nu tɐ bɛ̃dɛt pɐ ã ´presu ´bafu</i> ]	Vendemo-lo por um preço baixo.

A partir da descrição dos exemplos apresentados no quadro, nota-se que as quatro sentenças relativas ao falar dos picoleonenses têm o mesmo sentido das frases ditas pelos falantes da Cidade Velha. Os aspectos divergentes registam-se na forma como os falantes pronunciam as palavras e na utilização de algumas expressões.

Veja-se, nos parágrafos subsequentes, a proposta de análise da diferença de pronúncia manifestada nas expressões descritas no quadro supra:

Na palavra *kai* [kaj] da primeira coluna o [i] que se encontra em final da sílaba, pronuncia-se como semivogal [j] no falar de Pico Leão. Na Cidade Velha, realiza-se como [s] sibilante [kɐs]. Na expressão *kow* [kow], a vogal média [o] é pronunciada como vogal aberta [a] [kɐw] em Cidade Velha.

Nos exemplos acima referenciados, ocorreu o processo de assimilação (assunto que será desenvolvido com mais pormenor mais adiante) um determinado som é modificado adquirindo uma das propriedades de outro som que ocorre na sua vizinhança e com o qual é co-articulado (cf. Mateus et al. 1990: 244). No primeiro exemplo, a vogal aberta não arredondado /a/ em *kai* [kaj] adquiriu as características da vogal média não arredondado [ɐ] quando pronunciada pelos falantes de Cidade Velha.

No pronome forte da terceira pessoa do singular (cf. Veiga 1995) *Ei* [ej] do segundo exemplo para os falantes de Pico Leão, a semivogal [j] modifica-se para consoante velar [ʎ] na pronúncia dos Cidalienses.

Em *kabé* [kɐ´bɛ], houve a supressão de uma sílaba no sotaque dos Picoleonenses enquanto no dos Cidalienses pronuncia-se [kɛbɛsɛ]. Também a elisão ocorreu nas

palavras *ká*-[ka] e *fa*-[fə] que na comunidade da Cidade Velha pronunciam-se [kəs] e [fəzi].

A partir das expressões *kabé* [kə'be], *ká*-[ka] e *fa*-[fə] pode-se afirmar que na pronúncia dos falantes de Pico Leão está patente o processo de apócope, fenómeno linguístico que consiste na supressão do fonema ou da sílaba final de um vocábulo. (cf. Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea Volume II).

Em *mel* [meɫ], o [ɫ] foi vocalizado no falar de Pico Leão, passando a pronunciar-se como semivogal [j]- [mej] e o mesmo fenómeno ocorreu com a expressão [bēdet] do último exemplo.

Uma outra diferença está relacionada com o significante e significado das palavras. Em Pico Leão, diz-se *bacatela* [bəkə'telə di'neru] e em Cidade Velha *presu* [presu'baʃu]. Da análise das duas frases presentes no *quadro 4* chegou-se a conclusão que as duas expressões querem dizer que algo foi vendido por um preço baixo, assunto que vamos retomar na subsecção que se segue.

#### **2.4. Diferença entre significado e significante**

No quadro teórico, tínhamos referido que os indivíduos que fazem parte de uma comunidade servem-se de sinais ou signos para comunicar. Tais sinais foram denominados de signo linguístico por Saussure (cf. Saussure 1916).

Segundo Lopes (1979:14), os mais importantes sinais de comunicação são os signos linguísticos. Para o falante de uma língua os signos linguísticos são uma sequência ordenada de sons ou grupos de sons que exprimem alguma coisa. (...) Foi uma associação convencional, arbitrária de uma determinada expressão ao determinado conteúdo.

Lopes (op. cit.) afirma que o signo é como um tecido de dupla face – o direito e o avesso, uma identidade única constituída por duas outras, o significado e o significante e estas duas identidades são inseparáveis, pois um significante sem

significado é simplesmente um objecto e o significado sem significante é o indizível, o impensável, o próprio inexistente.

Lopes (id) acrescenta que os signos apresentam-se fisicamente como objectos sonoros, ou seja, conjunto de sons produzido pelo aparelho fonador do homem e gravado na memória sob a forma de imagens acústicas (significantes) formalmente como informações presentes na consciência dos sujeitos falantes (significados).

Vale esclarecer que existem diferença de signos de comunidade para comunidade, apesar de uma mesma coisa significada. No quadro que se segue, atentem-se nos exemplos recolhidos nas comunidades de Pico Leão e Cidade Velha:

#### Quadro5 – significado e significante

Pico Leão	Cidade velha	Tradução em português
Pixinginha [piʃĩginɐ]	Kontentor [kõtêtor]	Alguidar
Papu di omi [papu di òmi]	Baron[barõ]	Bolacha
Rapasinhu [rɐpɐ'siɲu]	Panela kuantu pe [paneɫɐ kuantu pe]	Panela de ferro
Kapaxotu [kapaʃotu], merkantil [merkãtil],	Meio boion/djon biku [bojõ/djõ biku]	Boia
Sulada [su'ladɐ]	Panu [panu]	Pano
Nha mundunga [ɲɐmũdũgɐ], kuskus di tunta [kuskus di tũta]	Kuskus di trigu [kuskus di trigu]	Cuscuz feito com farinha de trigo
Sholin [ʃolĩ],	Maxin [mɛʃĩ]	Machim

Tendo em conta os pressupostos acerca do signo linguístico, pode verificar-se que no quadro5, o mesmo significado possui mais de que um significante. Por exemplo, *Panela de ferro* em Pico Leão diz-se *Rapasinhu* [rɐpɐ'siɲu] e, em Cidade Velha, diz-se *Panela kuantu pé* [paneɫɐ kuantu 'pe] e poderá ter uma outra designação nas outras comunidades, isto porque o signo tem um carácter arbitrário.

## 2.5. Processos fonéticos - fonológicos que ocorrem no falar das comunidades em estudo

Segundo Duarte (2000), existem segmentos ou grupos de segmentos que sofrem ou provocam sistematicamente mutações em determinados contextos de uso da língua.

Essas transformações que operam nos sons da língua, quer vocálicos, quer consonânticos são classificadas como *processos fonológicos*. Para Duarte, os processos fonológicos mais frequentes nas línguas do mundo podem ser distribuídos em cinco tipos:

*Inserção* – produção de um segmento que não existe na representação fonológica e é produzido com a inserção de uma semivogal;

*Metátese* – transposição das posições dos segmentos;

*Assimilação* – identificação de um segmento com um outro, contextualmente próximo.

*Dissimilação* – diferenciação de um segmento relativamente a outro contextualmente próximo.

*Supressão* – apagamento de um segmento ou de uma sílaba no vocábulo.

Na perspectiva de Figueiredo (1987), o fenómeno de supressão toma o nome de *aférese* se a queda for no início; de *síncope* se acontecer no meio e de *apócope* se a referida queda for no final.

Dos cinco processos mencionados por Duarte (2000), foram encontrados alguns na pronúncia dos falantes entrevistados nas duas comunidades linguísticas em análise. Observem-se os quadros abaixo:

### Quadro6 – transposição de segmentos

Probi - [ˈPrɔbi]	Pobri-[ˈPɔbri]	Pobre
Droba-[ˈdrɔba]	Dobra-[ˈdɔbrɐ]	Dobra
Lora-[ˈlorɐ]	Rola-[ˈrolɐ]	Rola

Probeza[´prɔbezɐ]	Pobreza [´pɔbrezɐ]	Pobreza
Vridu[´vridu]	Vidru [´vidru]	Vidro

Tendo em conta a análise das palavras do Quadro6, verificou-se que houve a transposição dos segmentos /r/ e /o/, portanto o fenómeno ocorrido nessas palavras é metátese.

Note-se a partir das gravações que, na comunidade de Pico Leão, há momentos em que as palavras presentes no quadro acima adquirem duas realizações, ou seja, nessa mesma comunidade há falantes que em vez de dizerem, Probi - [´Prɔbi], Droba-[´drɔba], Lora-[´lorɐ], Probeza[´prɔbezɐ], Vridu[´vridu] dizem: Dobra-[dɔbrɐ], Rola-[´rolɐ], Pobreza [´pɔbrezɐ] ,Vidru [´vidru].

Apresentamos abaixo dois quadros, contendo exemplos de um dos processos fonético-fonológicos mais frequente no falar de Pico Leão:

**Quadro7 – troca de /l/ por /i/**

Bendei- [ bẽdej]	Bendel- [bẽ´deɫ]	
Faita- [fɛjtɐ]	Falta- [´faltɐ]	Falta
Mei -[mej]	Mel- [´meɫ]	Mel
Kaisa-[´kajsɐ]	Kalsa-[´kalsɐ]	Calça
Animai [ɐni´mej]	Animal [ɐni´meɫ]	Animal
Soitu [sojtu]	Soltu [soɫtu]	

**Quadro8 – Troca de/r/ por /i/**

Lugai- [lugɛj]	Lugar- [lu´gar];	Lugar
Feibi- [fɛjbi]	Ferbi/fervi- [fɛr´bi/ fɛr´vi];	Ferve
Katxoi- [kɛ´txoj]	Kɛtxor- [kɛ´txor];	Cão
Mudjei- [mu´ʒej]	Mudjer- [mu´ʒer];	Mulher



Da análise das expressões presentes nos quadros 7 e 8, faz-se notar que houve troca de segmentos. No quadro 7, a consoante velar [ɣ] é produzida como semivogal [j], por exemplo, em vez de *Kalsa*-[ˈkaɫsa] diz-se *Kaisa*-[ˈkajsa] e, no quadro 8, a consoante vibrante alveolar [r] também se realiza como semivogal [j], *Mudjer*- [muˈʒer]/ *Mudjei*-[muˈʒej], portanto nesse caso houve o fenómeno de *vocalização* (cf. a esse respeito, Silva 2009:63).

Um outro processo muito frequente no falar dos picoleonenses é a supressão, observe-se o quadro que se segue:

#### Quadro9 – Supressão dos segmentos e sílabas

ká- [ka]	Kaza/kasa- [ˈkazɐ/kasɐ]	Casa
Kabé - [kɐbɛ]	Kabesa- [kɐˈbesa]	Cabeça
Rapá - [rɐpa]	Rapas- [rɐˈpas]	Rapaz
Makaba - [mɛkabɐ]	Maskaba-[mɛsˈkabɐ]	Mistura
Pamó -[pɐˈmɔ ]	Pamodi-[pɐmóˈdi ]	Porquê

Duarte (2000) afirma que quando ouvimos alguém a falar muito depressa, dizemos que mal percebemos o que a pessoa disse, porque quando a velocidade de elocução é alta, o número de unidades linguísticas por parcela temporal aumenta, o que provoca geralmente apagamento de segmentos.

Relativamente às expressões acima, notou-se que houve apagamento dos fonemas tanto no interior da palavra (síncope), como no final (apócope). Exemplo: supressão da consoante /s/ em *Maskaba*-[mɛsˈkabɐ] / *Makaba*- [mɛkabɐ]) e da última sílaba em *Pamodi*-[pɐmóˈdi ] / Pamó -[pɐˈmɔ ] .

## 2.6. Processos fonológicos que ocorrem no falar de Cidade Velha

As palavras abaixo ilustram exemplos de processos fonético-fonológicos mais frequentes no falar de Cidade de Velha: a supressão e a assimilação.

## Quadro10 – Processos fonético-fonológicos

Cidade Velha	Português
Gasol [gə'sɔɫ]	Gasóleo [gə'sɔliu]
Comparason [cõpəresõ]	Comparação [cõpəresãu]
Skola [s'cɔlə]	Escola [i'cɔlə]
Baxu [bɛ'ʃu]	Baixo [bɛj'ʃu]
Kudadu [ku'dadu]	Cuidado [kuj'dadu]
Pobreza [ 'pɔbrezɐ]	Pobreza [pu'brezɐ]
Txuba [ 'tʃubɐ]	Chuva [ 'ʃuvɐ]
Mininu [mininu]	Menino [mɐ'ninu]
Baca [ 'bacɐ]	Vaca [ 'vacɐ]
sabola[sə'bɔlə]	Cebola [ 'sɛbolɐ]

A análise dos dados leva a afirmar que no falar dos cidalienses os processos fonológicos que ocorrem com maior frequência é a *supressão e a assimilação*. Por exemplo em – *Gasol* [gə'sɔɫ]- *Gasóleo* [gə'sɔliu] houve a elisão dos segmentos da última sílaba, portanto o fenómeno em causa consiste numa *apócope*.

Em *Baxu* [bɛ'ʃu] – *Baixo* [bɛj'ʃu] também houve apagamento de segmentos, mas isso deu-se no interior da palavra, por isso o fenómeno ocorrido foi síncope (cf. Figueiredo op. cit.).

Nas expressões *Mininu* [mininu] - *Menino* [mɐninu], *Pobreza* [ 'pɔbrezɐ] *Pobreza* [pu'brezɐ] está presente o fenómeno de *assimilação*. Como se pode verificar, a vogal média não arredondado [e] na palavra *menino* (português), foi influenciada por um outro segmento fonológico que lhe fica próximo (Lima 2002:6.18), passando a ser pronunciada como vogal fechada não arredondada [i] no vocábulo *mininu* em Cidade Velha.

Em *Pobreza* (português), a vogal média arredondada [o] passou-se a ser pronunciada como aberta arredondada [ɔ].

### 2.7. Realização dos fonemas consonânticos /l/, /r/ e /s/ em cada uma das localidades

No quadro que se segue, estão presentes os exemplos que mostram quais os contextos em que ocorrem as consoantes /l/ /r/ e /s/ nas duas comunidades em estudo.

**Quadro 11- realização dos consoantes /l/, /r/ e /s/**

<b>Pico Leão</b>	<b>Cidade Velha</b>
Lata [ˈlatɐ]	Lata [ˈlatɐ]
Lama [ˈlamɐ]	Lama [ˈlamɐ]
Lantuna [lãˈtunɐ]	Lantuna [lãˈtunɐ]
Linda [ˈlĩdɐ]	Linda [ˈlĩdɐ]
Lídia [ˈlidɪɐ]	Lídia [ˈlidɪɐ]
Kaisa [ˈkajsɐ]	Kalsa [kałsa]
Boisu [ˈbojsu]	Bolsu [bołsu]
Litru [ˈlitru]	Litru [ˈlitru]
Konxei [kõʃej]	Konxel [kõʃeł]
Amario [ɐˈmariw]	Armario [ɛrˈmariw]
agola [aˈgɔlɐ]	Argola [arˈgɔlɐ]
kudjei [kuˈʒei]	kudjer [kuˈʒer]
ka ta [ˈkɛ tɐ]	kas ta [kɛs tɐ]

A consoante lateral alveolar /l/ no falar dos Picoleoneses, só se realiza no início da palavra. Por exemplo: *lata* [ˈlatɐ], *lama* [ˈlamɐ], *lantuna* [lãˈtunɐ], *labanta* [lɛˈbãta], *linda* [ˈlĩdɐ], *Lídia* [ˈlidɪɐ], etc. Como já foi explicado acima, quando este aparece no meio e/ou no final da sílaba é produzida como semivogal [j]. Ex: *kaisa* [ˈkajsɐ], *boisu* [ˈbojsu], *konxei* [kõʃej]. No falar dos cidalienses, esta é realizada no início, no meio e no final da palavra. Por exemplo Ex: *kalsa* [ˈkałsa], *bolsu* [bołsu], *litru* [ˈlitru], *konxel* [kõʃeł].

Em Pico Leão, a consoante vibrante alveolar /r/ na maioria das vezes é suprimida, principalmente quando aparece na primeira sílaba: - *amario* [ɐmariw] *agola* [aglɐ] etc. Quando surge na última sílaba, é vocalizada. Exemplo: *kudjei* [kuʒei]- Em Cidade Velha, o /r/ não é suprimida, nem vocalizada. Exemplo: - *armário* [ɛrmariw], *argola* [aˈrgɔlɐ] *kudjer* [kuˈʒer]. A consoante fricativa dental /s/ no falar de Pico Leão, também é suprimida assim como o /r/. Ex: *ka ta* [ˈkɛ tɐ] – *kas ta* [kɛs tɐ].

## 2.8. Quadro comparativo dos processos fonéticos que fazem divergir e/ou aproximar os falares das duas comunidades

Em 2.5., identificámos os processos fonéticos que ocorrem no falar de Pico Leão; em 2.6., os que ocorrem em Cidade Velha e, nesta secção, apresentamos um quadro comparativo desses processos que fazem com que os falares das duas comunidades se divergem.

Considere-se o quadro abaixo:

**Quadro 12 – Processos fonético-fonológicos**

	<b>Pico Leão</b>	<b>Cidade Velha</b>	<b>Português</b>
Supressão	Di mé [di ´mɛ]	Di meu [di ´mew]	É meu
	própi [´prɔpi]	própi [´prɔpi]	Próprio
	Baxu [bɛ´ʃu]	Baxu [bɛ´ʃu]	Baixo
	Tanbé [tã´be]	Tanbé [tã´be]	Também
	Leti [le´ti]	Leti [le´ti]	Leite
Assimilação	Argen [ɐr´gɛ]	Algen -[ɐlgɛ]	Alguém
	Bentu [´bɛtu´]	Bentu [´bɛtu´]	Vento
	Sabola[sã´bɔlə]	sabola[sã´bɔlə]	Cebola
Metátese	Probeza [´prɔbɔzɐ]	Pobreza [´pɔbrɔzɐ]	Pobreza
Vocalização	Gasói[gɐ´sɔɿ]	gasól[gɐ´sɔɿ]	Gasóleo

No primeiro exemplo, pode verificar-se que no falar de Pico Leão houve a supressão da vogal alta arredondada [u], em *meu* [mew]- (apócope) e não ocorreu nenhuma alteração em Cidade Velha. Quanto aos outros exemplos, em ambas as comunidades, houve a eliminação da vogal média arredondado [o] em *próprio* [´prɔpiu] e da vogal alta não arredondado [i] na expressão *Baixo* [´bajʃu].

Na coluna da assimilação, constatou-se que, na localidade de Pico Leão, o [ʎ] velar adquiriu as características do vibrante alveolar [r]. Tanto em Cidade como em Pico Leão, a consoante bilabial [b] adoptou particularidades do labiodental [v] e em *cebola* [ˈsəbolɐ] o [i] assimilou em vogal aberta não arredondado [a]. Na mesma expressão, a Vogal média arredondada [o] passou a ser pronunciada como aberta [ɔ]. Em relação ao vocábulo *Pobreza* [puˈbrɛzɐ], em Pico Leão, houve a transposição dos segmentos /r/ e /o/ (metátese), enquanto na Cidade Velha o fenómeno linguístico verificado foi a assimilação em que [o] adquiriu características de [ɔ].

No último exemplo *Gasóleo* [gɐˈsɔliu], no falar dos cidalienses, houve a supressão da última sílaba (apócope) e no dos Picoleoneses a vocalização, porque a consoante lateral /l/ transformou-se numa vogal, passando a pronunciar-se como semivogal /j/.

### **Capítulo III**

#### **“Considerações finais: diversidade linguística nos falares de Pico Leão e Cidade Velha”**

Depois de nos termos debruçado sobre os factores que contribuíram para a divergência dos falares de Pico Leão e Cidade Velha e fazer uma análise comparativa dos dois falares, neste capítulo, apresentaremos as principais conclusões a que chegámos a esse respeito.

No Capítulo I, descrevemos três principais factores responsáveis para a diversidade linguística: o geográfico descrito como diferentes usos de uma língua em diversas regiões; o social, pertença dos falantes a grupos sociais e profissionais, caracterizados por certos níveis culturais e de escolarização e a situação em que se encontra o sujeito falante que tem que ver com o grau de formalidade da situação discursiva.

Dos factores mencionados acima, os dois primeiros são os principais causadores da diversidade existente no falar de Pico Leão e Cidade Velha: o geográfico, por causa da distância existente entre as duas comunidades e isso é explicável, porque toda língua adquire aspectos próprios de acordo com a região onde é utilizado.

E o sociocultural, como sabemos, “o homem vive integrado numa sociedade, a qual tem a sua hierarquia, a sua organização própria, os seus grupos. Cada um destes grupos sociais (etários socioprofissionais, etc. ...) possui códigos de comportamento que o diferenciam dos demais e permitem dentro do grupo, a identificação mútua.” (cf. faria1996: 480). Em Pico Leão a maioria da população é agricultor e com pouco nível de escolaridade, a maior parte dos jovens não frequentam a escola e dos que estudam um número reduzido ultrapassaram 9º ano de escolaridade, por conseguinte, o falar dessa comunidade diferencia-se do de Cidade Velha, em que o nível de escolarização das pessoas é mais elevado, os jovens são na sua maioria estudantes.

Relativamente aos falares das duas comunidades linguísticas, constatou-se que a principal diferença está na pronúncia das palavras, isto é, na realização de alguns fonemas e no léxico.

Em Cidade Velha, a pronúncia de muitas palavras aproxima-se da do português e em Pico Leão essas mesmas expressões têm uma pronúncia mais “funda”<sup>5</sup>. Por exemplo: Pico Leão (Ká)                      Cidade (Kaza/ Kasa) = Casa,

(N ká/kai ta bai)              ( N kas ta bai) = Eu não vou

(Mesa)                      (meza) = mesa

Os fonemas /l/, /r/, /s/ adquirem comportamentos diferentes nas duas regiões. A diferença mais marcante reside no contexto da realização, porque em Cidade Velha esses sons realizam-se em todos os contextos (inicial, inter-vocálico e final) em Pico Leão isso não acontece, visto que o som /l/ apenas se realiza no início da palavra, enquanto /r/ e /s/ são suprimidas na maioria das vezes.

Outra diferença notória tem que ver com o plano lexical, como por exemplo “papu di omi” em Pico Leão e “baron” em Cidade Velha ambas as expressões para designar bolacha.

A partir do quadro comparativo dos processos fonéticos fonológicos decorrentes nos dois falares, verificou-se que apesar das diferenças, existem algumas semelhanças entre eles:

Tanto em Pico Leão como em Cidade Velha os fenómenos de supressão e assimilação são muito frequentes. Exemplo Supressão da última sílaba (síncope) - *Tanbé* [tãˈbe]- também, apagamento de um fonema no interior da palavra (apócope) *Baxu* [bɛˈʃu] - [bɛjˈʃu] - baixo. E, assimilação: *Comparason* [cõpɐrɛsõ] - *comparação*, *sabola*[saˈbɔlə]

No que concerne à atitude dos falantes em relação às divergências existentes nos falares, observou-se que há uma super valorização de um falar em detrimento do outro

---

<sup>5</sup> Termo nosso

por parte dos sujeitos falantes. Os de cidade defendem o seu falar, dizendo que este é melhor que o dos falantes de Pico Leão e estes, por sua vez, acreditam que falam melhor do que as pessoas de uma outra localidade (Santa Ana, por exemplo), não obstante admitirem que o falar de Cidade Velha é melhor que o deles.



## Bibliografia

**CUNHA**, Celso e **CINTRA**, Luís F. Lindley (1984) *Nova Gramática do português Contemporâneo*. Lisboa, Edições João Sá da Costa.

**DIAS**, Heldizina Norberto, (1991) as desigualdades Sociolinguísticas e o fracasso escolar. Edição promédia.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea Volume, academia das ciências de Lisboa

**DUARTE**, Inês (2000) *Língua portuguesa instrumento de Análise*, Universidade Aberta

**FARIA**, Isabel Huh, **PEDRO**, Emília Ribeiro, **DUARTE**, Inês, e **GOUVEIA**, Carlos A. M. (1996). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa. Editora Caminho.

**FERDINAND**, Saussure (1916) *Cours de linguistique Générale* Paris, Payot (trad. De . Port. De José Victor Adragão, 1978 Lisboa. Publicação D. Quixote

**FIGUEREIDO** Nunes J.M e **FEREIRRA**, Gomes A.(1987). *Compêndio de Gramática Portuguesa*, 12ª Edição, Porto Editora.

**LIMA**, Maria de Lourdes (2002). *Manual de Fonologia e Morfologia do Português*. Praia: ISE/UNICV.

**LOPES**, Victor P. (1979) “*Língua Portuguesa: elementos de Linguística.*” Porto, Lello e Irmãos Editores.

**MIRA MATEUS**, Maria Helena et alii (1990). *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade aberta.

**MIRA MATEUS**, Maria Helena et al. (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*. 7ª Edição, revista e aumentada. Editorial Caminho. Lisboa, 2003.

**MUSSALIN**, Fernanda e **BENTES**, Anna Christina (2004). *Introdução à Linguística I*. Brasil. Cortez Editora..

**TARALHO**, Fernando (1986). *A Pesquisa Sociolinguística*. S. Paulo: Editora Ática, SA.

**VEIGA**, Manuel (2002). **Estudo sociolinguístico e gramatical: O Caboverdiano em 45 Lições**. Praia. Virar da Página, Lda.

## Web-grafia

[http://www.wikipedia.org/wiki/Ribeira Grande de Santiago. Concelho de Cabo Verde](http://www.wikipedia.org/wiki/Ribeira_Grande_de_Santiago_Concelho_de_Cabo_Verde)).

Consultado em 05/05/10

[http://www.infopedia.pt/\\$vocalizacao](http://www.infopedia.pt/$vocalizacao). Consultado em 08/006/10

# **Anexo**

O anexo é constituído pelas gravações transcritas, feitas aos falantes da comunidade de Pico Leão e Cidade Velha e algumas imagens das referidas comunidades. Na monografia não aparece o exemplo de todas as gravações, porque teve-se a necessidade de seleccionar alguns casos que mereceram destaque no corpo do trabalho.

## Falantes de Pico Leão

### Informante A 42 anos, feminino

(...) mi djan flai, trabadju ka sta, é ka té agen di dai pé ba skola. Livro go é té (...) tardi é tilifonan ma djé kunpra boisa, mas kadernu dinheru ka txiga, purisu é manda flan pan mandai dinheru pe a kunpra. N da João dinheru pa lia Custódio la riba pa lebai, dipós é bem ku dinheru é flan me skeci. Ntão N bem txó Zuca pa djo si caru inda sta la kutelo, si stá la N ta txomá eres la kutelo pés da custódio dinheru dipos N ta lebaba.

*\_ Eu já lhe disse, não há trabalho, ele não tem ninguém que possa ajuda - lho nos custos do estudo. Livro ele tem...ele telefonou-me tarde dizendo que já comprou bolsa, mas o dinheiro não chegou para comprar caderno, por isso mandou pedir-me dinheiro para comprá-lo. Dei o dinheiro ao João para levar ao Custódio para entregá-lhe, depois ele apareceu dizendo que esqueceu. Então chamei o Zuca para verificar se ainda o carro está no “Kutelo”, se estiver chamaria as pessoas do “Kutelo “ para dar dinheiro ao custódio e depois ia devolver.*

\_ Mininus li dja a skola, ma inda nen ka matriculeres.

*Estes meninos já foram a escola, mas ainda não os matriculei.*

\_ Ei kabé rixu ku feita ki pui sai di skola. Pamó é tem kei cabe rixu, dentu skola é ta fasi kabé rixu é ta podu feita. Gó kelotus li eres atá patipati, eres agen pa pueres na skola kas ta.

*Ele saiu da escola por causa de traquinices e faltas. Como é irrequieto, na sala de aula faz traquinices e colocam-lhe faltas.*

### Informante B 21 anos, masculino

Ami la Praia n ka cré benha ma n lenbra ma oxi Dina Ka ta pa, n bem ti la Tronco, mi kei diá n fasi freti di Tronco ku Belém, n ka bem riba nou. N tilifona ma si

agen ta la kutelo, pa podi saita pamodi n ká ta bem. N da un kareadura n bá nha kaminhu di Praia, kantu rapá ta txiga djan txigá Praia

*Estava na Praia e não queria vir, mas lembrei-me que hoje não há transporte, vim até Tronco, nesse dia transportei pessoas de Tronco e Belém, não vim para cima. Telefonei para dizer se estava*

IB\_ É Keny, ku a ter di pusora! Bu bira ta tranca denti ku língua na kunpanheru u ta papia.

### **Informante C 15 anos masculino**

IC\_ a ei di sei é pusor la di Txada Grandi.

*\_O seu é Professor de achada Grande*

IB\_ man bá é un rapasinhinhu?

*\_Não é um rapazinho?*

IC\_ aian.

*\_ Sim.*

IB\_ La sucupira kei diá ke ta bem piki Lion, N flá mó bu ka sa undi úa ta bai. Kré pusor mas kontenti ki sta li é ei.

*Naquele dia que ele vinha para Pico Leão, na sucupira eu disse: rapaz não tens a noção para onde vais.*

IC\_ Caetano fla me ai ta ilha.

*Caetano disse que vai para ilha.*

IB\_ ku sé é atá fa?

O quê é que vai fazer lá?

IC\_ É fla ma dje kansa di munta só caru ku buru...purisu dipós di sinsa é ta bai.

*Ele disse que já cansou de andar de carro e burro.*

**Informante D 8 anos feminino**

\_ búa ta fa mei pua kuei?

*Vais fazer mel para levar?*

**Informante E75 anos masculino)**

\_Nou, N ata bai pan ba konxi.

*Não, vou apenas para conhecer.*

IC\_ Caetano fla ma si mei é ka ta bendi mas. É fla ami N ka ta fa mei pan bendi mas, pamodi tudu porta kin koncu és ta da un bokada, nen és ka ta kunpra, é só purba, mas cunpra nada.

*Caetano disse que não vai vender o mel. Ele disse: Não vou fazer mel para vender, porque a cada porta que bati, experimentam e não compram, é só experimentar e comprar nada.*

**Informante F 65 anos, feminino**

\_ Gosi só ken ki teni skola ki sa ta atxa trabadju. N flá: nhores studa pamodi skola é impurtanti, ma seres ka studa é ses problema.

*Hoje em dia somente as pessoas que estudam é que encontram trabalho.*

*Já disse-lhes: estudem porque escola é importante, mas se eles não estudarem problema é deles.*

**Informante G 48 anos, feminino**

\_ É ka ta na skola, é studa ti sexta klasi, ka da pé ba liseu pamodi nos é probi... Ku kei probeza li un agen li piki lion ki ka ten família na praia estuda na liseu ta fika difícil.

*- Ele não está na escola, estudou até sexta classe e não foi ao liceu, porque somos pobre... Com esta pobreza, uma pessoa de Pico Leão que não possui familiares na Praia é difícil de estudar no liceu.*



**Informante H 5 anos, masculino**

- Ningen ka ta li na ka...nha mai ba kota midju la lugai. Mana ta so na fa armusu pa lebás. (...) É bó Patrique tra mó di nha brinquedo, N ta dabu un soku na roto.

Não há ninguém em casa... a minha mãe foi para o campo cortar milho. Mana está a fazer almoço para lhes levar. (...) Oh Patrique tira a mão do meu brinquedo vou bater-te na cara.

**Informante I 35 anos, masculino**

- Mei nu ta makaba sucri na cobre (...)

**Informante J 10 anos**

..Li ka tem luz mas tudu día nu ta paga vinte ixkudu de gasoi la ka sugunda pa nu odja nuvela (...) Linda stama nuvela dja kumesa, bu ka ta bai?

- Na, oxi N ka té vinte ixkudu ta dan bugonha bai.

- *Aqui não há luz, todos os dias pagamos vinte escudos de gásóleo na casa de segunda para assistirmos telenovelas (...) Linda parece que telenovela já começou, não vais?*

- *Não! Hoje não tenho vinte escudos fico com vergonha de ir.*

**Informante K 17 anos feminino e Madalena**

**M\_** Bu ta studa?

**\_** Estudas?

**IK\_** Nou! Mi N ba skola ti sexta classe, nha pai ka dexan ba liseu...é flá ma sin bai ma N ta ranja mós...

**\_** Não! Estudei até sexta classe, meu pai não me deixou ir ao liceu...ele disse se eu fosse ia arranjar namorado.

**M \_** Li Piki Lion tem keu minis ki ta studa na liseu?

**\_** Aqui em Pico Leão existem vários jovens que estudam no liceu?

**IK** \_ Nou. Maior parte de jovens di li ka ta studa.

\_ Não! A maioria dos jovens daqui não estudam.

**M** \_ Ten algun lugar li ki nhós ta divirti na tenpu livri?

\_ Existem algum lugar em que possam divertir no tempo livre?

**IK** \_ Li ka tem nun lugai ki nu podi flá ma nu ta bai divirti. Oras ki nu ka teni nada fasi é so karta ki nu ta juga.

\_ Aqui não existem nenhum lugar que possamos dizer que vamo-nos divertir. Quando estivermos sem algo para fazer, apenas jogamos carta.

**M** \_ Na nhós dia, dia kuzé ki nhós ta fazi?

\_ No dia-a-dia o que é que fazem?

**IK** \_ A nós é trabadju di azágua ku trabadju na ota...

—

**M** \_ Bu podia explicaba mi mi tudu kel prosesu ki nhós ta fazi na trabadju di kanpu?

\_ Podias me explicar todo o processo que fazem no trabalho de campo?

**JK** \_ Sin. Purmeru nu ta rosa lugai dipós nu ta símia, oras ki txuba bem nu ta munda, ramunda trismunda e nu ta spera midju madur. Oras ké madur nu ta trai, nu asai també nu feibe. Dipós ki midju dja seca nu ta cortai nu ta bem kuei ká, nu ta kakai, nu ta dugudjei nu ta pó na bidon, si txiga pó na bidon.

\_ Sim, primeiro limpamos o campo, em seguida semeamos, mandamos, remudamos e transmudamos e esperamos que o milho amadurece. Quando amadurecer tiramos, assamos e também fervemos. Quando o milho secar, cortamos, levamos para casa, cascámos-lhe..... e se for suficiente colocamos no bidon.

## Falantes de Cidade Velha

### Informante A 30 anos, masculino e IB 25 anos

**IA** \_ Adelaida N manda bu fidju loja pê ba kunpra sabola, mas antis N flal pé ba flau purmeru.

\_ Adelaida, mandei a tua filha comprar cebola na loja, mas antes pedi-o para lhe avisar.

**IB** \_ Ah, N pruveta N mandal kunpra un bolsa de sapatinha.

\_ Ah, aproveitei e mandei-lhe comprar uma bolsa de feijão manteiga.

**IA** \_ Hélder dja ba skola purisu N fika sem mininu di manda.

\_ Hélder foi para escola, por isso fiquei sem ninguém para fazer mandado.

**IB** \_ Ka ta fazi nada, júnior ka ta dura bem.

\_ Não faz mal, Júnior não vai demorar.

**IA** \_ (...) N ta fika preukupadu ku nha fidju oras ke ba skola pamodi mininus di gosi teni so kabesa rixu (...)

\_ (...) Fico preocupada quando o meu filho vai a escola, porque os jovens de hoje em dia são todos traquinos.

### Informante C6 anos, masculino

Día dimingu N sa ta ba Praia pan ben sigunda fera. N ta pidi nha madrinha pa leba N Cruz di Papa, sê ka teni tenpu n ta fla l ma n ta bai djuntu ku Lino. Se kas ta na kasa, podi parsi algun alguén ki N conxi N ta pruveta N ta bai djunto ku el

*Vou para Praia no domingo e regresso na segunda-feira. Vou pedir a madrinha para me levar ao Cruz De Papa, se ela não tiver tempo digo-lhe que vou com o Lino. Se ele não estiver em casa pode aparecer algum conhecido meu, aproveito e vou junto.*

### **Informante C 56 anos feminino**

**IC** \_ Edí, undi ki nhos pensa ma nhos sa ta bai?

\_ Edí, onde é que pensam que vão?

**ID7AM** \_ Nu sa ba toma banhu na mar.

\_ Vamos tomar banhu no mar.

**IC** \_ Só nhos nou!

\_ Sozinhos não!

**ID7AM** \_ na modi vovô nu ka ta bai la me di mar.

\_ Por favor vovó, não vamos para o meio do mar.

**IC** \_ Djan fla nou. Xinta lisin oras ki Pedro ben ta leba nhos.

\_ Já disse não. Senta-te aqui, quando o Pedro chegar vai vos levar.

**ID7AM** \_ mi se dura ki bem n ta bá nha kaminhu.

\_ Se ele demorar vou-me embora.

**IC** \_ dja nhos odja modi ki nhas netu é? És atxa ma N da dexás ba mar es só. So si n sta dodu (...)

\_ Já viram como é que são os meus netos? Eles pensam que vou deixá-los irem para o mar sozinhos, só se estiver doida (...)

### **Informante D feminino 16 anos**

(...) El é ta da pa dodu, por isu é teni txeu falta na skola(..) toma kudadu pa bu ka kai la di baxu(...) kantu nu ta bem Mário bai pa shel, pe ba pu gasól

**Achadinha, local onde as pessoas apanham o transporte para irem a Pico Leão**



**Transporte indo em direcção ao Pico Leão.**



**Localidade de Pico Leão**





**Local onde a população de Pico Leão apanha a água**



**Cidade Velha  
Pilourinho**



**Rua de Banana**

